

Por trás das paredes das prisões, voluntários oferecem a saúde—e às vezes a própria vida—para experiências médicas, em troca de pouca ou nenhuma recompensa

EM CADA CORAÇÃO UM TESOURO

Don Wharton

MUM FRIO dia de fevereiro de 1953, 62 reclusos de uniforme cinzento estavam alinhados no hospital da prisão de Sing Sing, em Nova York, despidos da cintura para cima, e estendiam os braços a um médico que empunhava uma seringa. O doutor introduzia a agulha em cada braço, empurrava o êmbolo e injetava em cada homem germes de sífilis.

Os cientistas estavam tentando descobrir se o organismo pode adquirir imunidade à sífilis. Em caso positivo, então poderia ser aperfeiçoada um dia uma vacina. Os presos se haviam oferecido voluntariamente para contrair a terrível moléstia, como uma contribuição à ciência médica.

Cinqüenta e quatro deles haviam tido sífilis, numa ou noutra época. Os oito restantes nunca a haviam tido. Eram a chave para o estudo. Seus nomes, hoje mantidos em sigilo, podem um dia aparecer nalguma lista de honra. Porque todos os oito contraíram sífilis com as injeções, ao

passo que apenas metade dos que haviam tido sífilis anteriormente tornaram a contraí-la. Assim, obtive a ciência uma indicação quanto à possibilidade de se desenvolver a imunidade entre aqueles que já tenham tido a moléstia.

Além da sífilis, o que ganharam com isso os voluntários? Um maço de cigarros cada um, por ocasião do Natal, uma breve nota em seus registros, e a satisfação de terem feito alguma coisa em benefício de outros.

Não foi êsse o primeiro estudo médico que se tornou possível graças a voluntários de Sing Sing. Nem é Sing Sing a única prisão cujos inquilinos se prestam voluntariamente a servir a humanidade. Em 21 dos 48 Estados Unidos da América, os presidiários têm auxiliado os médicos dando seu sangue, sua saúde e, em quatro casos conhecidos, sua própria vida.

Na Penitenciária do Estado de Illinois, conversei no último verão com três voluntários cujas tempera-

turas haviam atingido naquela semana 42 graus de febre. Um dêles estava cumprindo pena por crime de assalto, outro por furtos de automóvel, e o terceiro estava descontando 30 anos por homicídio. Haviam contraído malária voluntariamente, para "alimentar" mosquitos utilizados em ensaios de laboratório. Todos os presos suportaram os calafrios, suores, torturas e dores da malária sem auxílio de sedativos, e depois, dia após dia, deixaram que 200 ávidos mosquitos lhe sugassem o sangue do braço durante meia hora. Podiam-se ver os mosquitos mordendo a carne, deixando nela centenas de picadas, infectando-se, a fim de poderem ser usados para transmitir a malária a outros voluntários.

Em Clinton Farms, instituição correcional de Nova Jersey, duas mulheres trajando desbotado uniforme azul estão cumprindo pena de prisão perpétua por homicídio. Em 1950, ambas submeteram-se voluntariamente a experiências relativas à hepatite. Ingeriram suco de tomate contendo vírus da hepatite, adquiriram a doença, curaram-se e depois auxiliaram os médicos, durante três anos, em posteriores pesquisas sobre a mesma enfermidade.

Na Penitenciária de Lewisburg, na Pensilvânia, três assaltantes de bancos também se prestaram espontaneamente a estudos sobre a hepatite. Um dêles ficou tão doente que foi preciso chamar especialistas para salvar-lhe a vida. Passou dias em estado de coma. Recebeu transfusões e

oxigênio, foi alimentado por injeções, contraiu pneumonia, teve gangrena nos pés e seu pêso caiu de 95 para 65 quilos.

O primeiro exemplo que se conhece de presos que se submeteram voluntariamente a tais estudos remonta a 1915. Joseph Goldberger, figura de relêvo na pesquisa médica, estava procurando descobrir a causa da pelagra. Êle curara-a substituindo uma dieta rica por outra pobre. Isto sugeriu que a doença era causada por um regime alimentar inadequado. Para comprová-lo, teria êle de submeter seres humanos a uma dieta imprópria e observá-los durante meses. Mas quem se arriscaria voluntariamente a contrair esta grave moléstia? Goldberger pensou nos homens da vasta fazenda-penitenciária do Mississípi, que era isenta de pelagra. Entendeu-se com o governador, que assumiu o risco, depois rompeu com todo o formalismo oficial e ofereceu perdão aos prisioneiros que se apresentassem como voluntários.

Em 1915 uma dúzia de prisioneiros—assassinos, ladrões e falsários—transferiram-se para um acampamento no centro da fazenda de 1.280 hectares. Durante dois meses se alimentaram normalmente e não apresentaram qualquer sinal de pelagra. Então, em abril, foram submetidos a uma dieta familiar a muitos trabalhadores rurais do sul dos Estados Unidos—biscoito, pão de milho, mingau, arroz, batata doce, angu frito e café puro. Os voluntários comiam à vontade, mas em poucas se-

manas começaram a sofrer de enxaquecas, vertigens, dores nas costas e no estômago. No fim do verão os homens estavam macilentos, fracos, incapazes de trabalhar. Cinco d'êles apresentavam uma erupção sintomática. Goldberger chamou hábeis diagnosticadores, que foram acordes em afirmar que se tratava de pelagra. (Os voluntários foram soltos.)

Uma das mais temerárias experiências a que voluntariamente se prestaram presidiários não comportava nenhuma promessa de recompensa. No verão de 1942, os internados da Colônia Penal do Estado de Massachusetts, situada em Norfolk, foram reunidos no auditório principal. A guerra acarretara escassez de plasma sanguíneo e a Marinha dos Estados Unidos pretendia experimentar um sucedâneo derivado do sangue de bovinos.

Disseram aos internados que um voluntário receberia uma injeção de aproximadamente 30cc do material em sua corrente sanguínea, que sua saúde poderia ser prejudicada, que poderia sobrevir até a morte—e neste caso o govêrno custearia o entêrro. Dentre 750 presidiários, 222 se ofereceram como voluntários; d'êstes, 70% estavam em condições de obter livramento condicional em dois anos ou menos.

Em setembro os pesquisadores injetaram em 64 voluntários uma fração purificada de sangue de boi. Antes do fim do mês, 20 homens estavam reagindo mal, oito se apresentavam gravemente enfermos, com fe-

bre alta, erupções e dores nas articulações e um havia morrido. A experiência foi suspensa, mas alguns voluntários que não tinham recebido suas injeções insistiram para que ela fôsse levada adiante. "Não deixemos isto pela metade", disseram. Um médico que acompanhou tudo isso declarou mais tarde: "Nas prisões encontra-se a mesma espécie de idealismo que em qualquer outra parte."

Nestes últimos dois anos, três voluntários perderam a vida auxiliando pesquisadores médicos a adquirirem maiores conhecimentos acêrca da hepatite serosa. Tais estudos foram empreendidos porque muitos civis e militares estavam contraindo a moléstia após terem recebido uma transfusão de sangue ou de plasma. Os médicos queriam verificar a eficácia de vários métodos para preservar e esterilizar o sangue e produtos sanguíneos. Nenhum animal conhecido era susceptível à hepatite e nenhum exame de laboratório seria suficiente. Graças a voluntários das prisões, averiguaram os médicos que o sangue exposto aos raios ultravioleta ou ao calor, para esterilizar-se, não era seguro, mas que a globulina gama e a albumina serosa, obtidas do plasma sanguíneo, eram indenes, mesmo quando tais frações sanguíneas procediam de plasma contaminado.

Entre os voluntários, havia 533 presidiários de três penitenciárias. Os médicos advertiram-nos de que êles podiam contrair a moléstia, de que não existia tratamento específico para ela e de que a mesma podia ser

fatal. Os guardas lhes disseram que a única recompensa seriam nove dólares por mês e uma redução de 30 dias na sentença. Assim mesmo êles se ofereceram como voluntários, e 130 contraíram hepatite. O diretor de uma das prisões, onde quatro voluntários entraram em estado de coma e um morreu, disse: "Não conheço nenhum grupo, no mundo, mais inclinado a uma causa digna do que os presidiários. Talvez procurem compensar assim a impossibilidade em que se acham de tomar parte em acontecimentos de monta, como por exemplo uma guerra."

Todo o moderno arsenal de armas antimaláricas foi rapidamente forjado graças a êsses voluntários. A primeira grande conquista ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial, quando a principal fonte de quinina dos aliados fôra interceptada pelos japoneses e estavam sendo experimentados numerosos outros agentes antimaláricos. Um grupo de médicos da saúde pública dirigiu-se à Penitenciária de Atlanta, pedindo auxílio; no primeiro dia conseguiram 300 voluntários.

"Tudo o que posso prometer-lhes", disse o médico-chefe, "é uma oportunidade de ficarem doentes. Vocês ficarão tão doentes que haverão de me odiar."

Cada homem foi picado por dez mosquitos infectados. Quando adoeceu, era acamado e não se lhe permitia o uso de nenhuma droga enquanto a moléstia não atingisse o clímax; então se lhe ministrava a droga exigida

pelo número que êle indicava. Por vêzes havia mais de 30 voluntários na seção de malária da Penitenciária de Atlanta, em tarimbas superpostas duas a duas, alguns até com 41 graus de febre. Mediante estas e outras experiências, ficou provado que a droga experimental SN-7618, posteriormente chamada cloroquina, era um medicamento muito superior à quinina. Em 1945 era ela enviada com urgência aos soldados no mundo inteiro.

Cada voluntário de Atlanta recebeu um certificado, cem dólares e o direito de usar em sua camisa um emblema com os dizeres "Voluntário da Malária". Ao ser-lhe oferecido o seu certificado, um voluntário pôs as mãos atrás das costas e disse: "Não quero tocá-lo—esta é a única coisa decente que fiz em tôda a minha vida."

Presidiários da Penitenciária do Estado de Illinois auxiliaram os cientistas no estudo da radioatividade industrial. Ingeriram alimentos contendo um organismo que produz diarreia, tomaram injeções que causam disenteria, e submeteram-se a experiências que duraram três meses e requereram o uso de roupa impregnada de um insetífugo suspeito de ocasionar perturbações na pele. Na primavera passada, no Reformatório Federal de Chillicothe, Ohio, 90% dos presos de mais de 21 anos se prestaram voluntariamente a investigações em que tiveram o nariz e a garganta aspergidos com secreções nasais infectadas. Na Instituição Corre-

cional Federal de Seagoville, Texas, em 1952 e 1953, voluntários se ofereceram para tomar cápsulas contendo parasitos intestinais humanos estreitamente aparentados ao parasito causador da disenteria amebiana; outros, durante semanas beberam unicamente água contaminada.

Por que os prisioneiros se prestam espontaneamente a tais experiências? A pergunta não comporta uma resposta única. Um condenado a muitos anos de reclusão, atacado de malária, me disse: "Estou precisando justamente de vinte e cinco dólares." Outro, três leitos adiante, declarou: "Francamente, desejo ser solto antes de cumprir toda a minha sentença." Uma voluntária da hepatite, uma mulher que cumpria pena de prisão perpétua por homicídio, disse que tinha parentes combatendo na Coreia. Um experimentado psicologista de prisões advertiu sobre o fato de se dar muito crédito às razões alegadas pelos voluntários. "O prêso que diz tê-lo feito por dinheiro pode em verdade tê-lo feito por altruísmo."

Afirma o Dr. Austin MacCormick, eminente autoridade em assuntos penitenciários: "Os prisioneiros se oferecem como voluntários principalmente por causa de uma consciência social que muitos deles ignoram possuir. Motivos egoísticos desempenham papel secundário. Eles acolhem de bom grado uma oportunidade de fazer algum bem, a fim de contrabalançar o mal que fizeram. Tais experiências levantam enormemente o moral do indivíduo e guin-

dam às alturas toda a instituição."

Médicos que têm trabalhado em estreito contato com êsses voluntários informam que muitos prisioneiros se interessam de tal forma pelas experiências que se prestam espontaneamente a trabalhos de laboratório, ou procuram tornar-se auxiliares de enfermeiros, enfermeiros penitenciários ou técnicos hospitalares. Em Clinton Farms, uma jovem que cumpria uma pena de sete anos de prisão por apropriação indébita colaborou tão eficientemente com os experimentos relativos à hepatite que foi indultada para tornar-se técnica num hospital universitário.

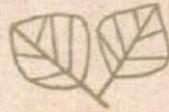
Charles Ickes, condenado à prisão perpétua por assalto a mão armada, serviu em 1944, na Penitenciária do Estado de Illinois, como voluntário da malária. Depois de curado, pediu para trabalhar como enfermeiro e iniciou o aprendizado para tornar-se um técnico. Há três anos, prestou exames e tornou-se tecnólogo médico. Trabalhando também no laboratório da prisão está Kenneth Rucker, antigo chofer, condenado a 99 anos de cadeia por homicídio. Tornou-se um perito parasitologista.

Após semanas passadas a visitar prisões e autoridades sanitárias, a conversar com diretores de penitenciárias, médicos, cientistas e voluntários acamados ou não, continua acudindo-me ao espírito uma cena inesquecível, ocorrida no hospital da Penitenciária de Illinois. Rucker, o homem dos 99 anos, está sentado perto de mim, a uma escrivaninha,

explicando-me o seu trabalho nos domínios da malária. Entra na sala um voluntário que está cumprindo pena de prisão perpétua por assassinio; deita-se num divã, arregaça a manga e recebe uma inoculação experimental administrada por Ickes, o tecnólogo médico, também prêso para o resto da vida. Joseph Ragen, o dire-

tor da penitenciária, diz bem: "Homens que procuram ajudar outros não estão de todo perdidos."

A mesma coisa, ainda que de outra forma, disse Winston Churchill ao falar sobre presidiários na Câmara dos Comuns: "Para quem sabe descobri-lo, existe um tesouro no coração de cada homem."



Como Manter as Nossas Decisões

NA NOSSA família as decisões para o Ano Novo eram uma espécie de brincadeira inventada pela Tia Callie. Todos nós escrevíamos os nossos bons propósitos para o Ano Novo e os entregávamos a ela num envelope fechado, ao jantar do Ano Bom. Depois a graça era no dia 1.º de abril, quando os envelopes eram abertos e a família reunida funcionava como um bem alimentado tribunal para julgar de que modo as decisões haviam sido mantidas.

Lembro-me de um ano em que a Tia Lou havia resolvido não falar mais da vida alheia. Ao ser aberto o envelope dela, a família inteira quase morreu de rir, lembrando-lhe tudo quanto ela havia contado sobre os vizinhos. Houve também o ano em que papai prometeu deixar de tomar cerveja e não deixou. E a isso se seguiu o ano em que mamãe resolveu não implicar mais com êle para deixar de tomar cerveja . . . e êle deixou!

Mas acho que o mais interessante era o modo pelo qual a Tia Callie procurava incutir hábitos de ações acertadas na geração mais nova. Decidíamos não bater portas, não gritar lá de cima perguntando as horas, não largar roupas pelo chão e não nos esquecermos de conservar cheia a caixa de gravetos para a lareira.

Tudo isso aconteceu há anos, mas até hoje não posso comer um bom ajantarado sem me lembrar de alguma velha decisão e imediatamente renová-la: escrever aquela carta que venho adiando, ou arrumar as gavetas da minha escrivaninha. Atualmente, é claro que as grandes reuniões de família não são tão comuns como antes, mas se a sua família se reúne no Dia de Ano Bom, experimente a brincadeira da Tia Callie. Ela diverte um bocado—e pode, igualmente, fazer algum bem.

—Ernestine Evans, em *This Week*